



DESEMPREGO JOVEM GERAÇÃO IÔ-IÔ

CONTRA A PRECARIÉDDE

CONTRA O DESEMI

VENIS POR MAIORES SALÁR

BALHADORES

LUT

ABRIL MANIFESTA



DESEMPREGO

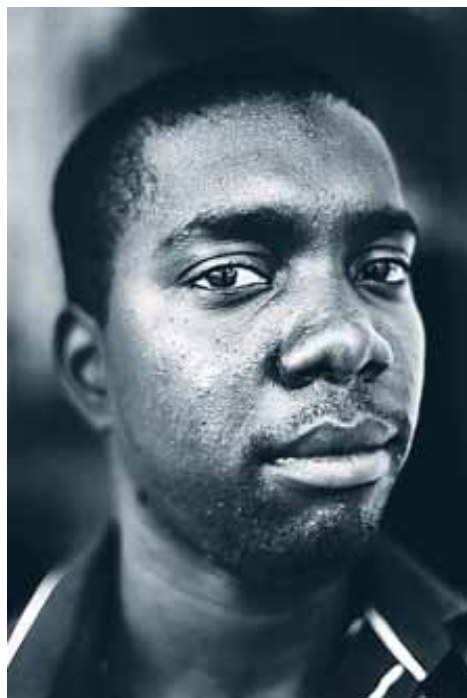
Não dá para ignorar: um em cada cinco europeus com menos de 25 anos não consegue encontrar emprego. Em Portugal, a proporção é ainda maior. Esta semana, os líderes da UE juntam-se para debater o futuro de jovens como Betty, Mafalda ou Rita. Ou Ana Teresa, Dalila, Diogo, Francisco, Fábio, jovens que o fotógrafo do PÚBLICO Daniel Rocha retratou no seu blogue O Desemprego Tem Rosto, ao longo de um ano, e que agora republicamos em parte. Talvez alguns já tenham arranjado trabalho



Ana Rita Silva 19 anos



Soraia Araújo 19 anos



Danilo Cambé 25 anos



André Filipe Fragoso 21 anos



Maria Inês Ramos Martins 25 anos

ECÁRIOS

ANA
CRISTINA
PEREIRA



Fábio André Pinto 18 anos



Dalila Teixeira 24 anos



Francisco Manuel Colaço 25 anos



Tânia Dias 19 anos



Ricardo Teixeira 25 anos



Ana Luísa Vieira Soares 23 anos

Contrato terminado. Mais uma semana e nada. Era como se lhe tivessem tirado o chão. Como técnica de higiene e segurança no trabalho, competia-lhe zelar pelos funcionários da fábrica. Durante os 21 meses que lá estivera, mantivera-os debaixo de olho. E estabelecera tantos laços, tantos. Encarava-os como uma família. Uma família gigante. E agora tinha de se ir embora.

Ana Betty Abreu não segurava o choro. Dividia a renda de um apartamento com duas amigas. Avisou-as. Janeiro estava pago, Fevereiro também. Era o tempo de que dispunha. Ou arranjava emprego ou regressava à Madeira rural, à casa paterna, depois de mais de cinco anos, a decidir os dias, no Porto. Não queria, não queria voltar. A ilha, para ela, tornara-se pequena, inoportuna, sufocante.

Cumprira um estágio curricular naquela fábrica que mais parecia uma aldeia, tal o número de trabalhadores. O seu estatuto de estagiária prolongara-se e, através de uma agência de trabalho temporário, encaixara na substituição de uma grávida. “Como via que gostavam muito do meu trabalho, nunca imaginei que me mandassem embora.”

A tristeza não a paralisou. Inscreveu-se logo no centro de emprego. Consultava amiúde o portal da Segurança Social, ansiosa por saber como ia o seu processo. Ao fim de um mês e meio, foi mesmo aos serviços.

– Você acha que vai receber já, só passou um mês e meio!? – ter-lhe-á gritado uma funcionária mal encarada.

– Não estou a dizer que quero receber já, estou a dizer que já passou um mês e meio e o meu processo continua em análise.

– A Segurança Social é apenas o serviço que paga! Você tem de ir ao IEFP!

Foi ao centro de emprego, a sentir-se um cisco numa engrenagem incompreensível. Falta um documento da empresa, afinal.

O tempo sumia-se e a rapariga de 24 anos posta em desassossego. Passava horas a fio a vasculhar na Internet. Mandou à volta de 500 candidaturas espontâneas. “O meu plano era encontrar um emprego. Já não queria saber se era na minha área. Queria trabalhar – numa loja de roupa, num supermercado, em limpezas, em qualquer coisa. Tirei a licenciatura do currículo. Tirei o facto de estar a fazer mestrado. Ninguém quer uma pessoa licenciada a limpar sanitas.” Ainda foi a umas nove ou dez entrevistas para três empresas. Estava na última fase de recrutamento para uma delas. Era Março, já se juntara ao namorado, que vivia com a mãe. De repente, ligaram-lhe da fábrica. Podia voltar em Abril. Tinha novo contrato temporário à espera.

Ana Betty saiu do poço em que, segundo o Eurostat, já se encontravam 5,6 milhões de jovens da União Europeia, onde em Abril, a taxa de desemprego juvenil alcançava os 23,5%. Os mais altos índices pertenciam à Grécia (62,5% em Fevereiro), à Espanha (56,4), a Portugal (42,5) e a Itália (40,5) e os mais baixos à Alemanha (7,5), à Áustria (8,0) e à Holanda (10,6).

O problema não pára de se agravar desde que em 2008 estourou a crise financeira. Em várias latitudes, jovens reclamam emprego, liberdade ou justiça social. Portugal parece ter despertado ao ouvir os Deolinda cantar *Parva que sou*, em Janeiro de 2011. E em Março desse mesmo ano saiu à rua, como há muitos anos não saía. Jovens, que se serviram de redes sociais e tiveram ampla cobertura nos *media* tradicionais, convocaram “desempregados, ‘quinhentoseuristas’ e outros mal remunerados, escravos disfarçados, subcontratados, contratados a prazo, falsos trabalhadores independentes, trabalhadores intermitentes, estagiários, bolseiros, trabalhadores-estudantes, estudantes, mães, pais e filhos de



Ana Betty 24 anos

Portugal”, como se lia no manifesto.

“O desemprego jovem tem tendência para aumentar, sobretudo nos países mais endividados do Sul da Europa”, aponta Ilona Kovács, investigadora do Instituto Superior de Economia e Gestão (ISEG). Países como a Áustria, a Dinamarca, a Holanda e a Alemanha mantêm melhores indicadores “por causa da estrutura económica e do modelo de sociedade” – o Estado-providência.

No último mês, França e Alemanha anunciaram um “*New Deal* – iniciativa europeia para o crescimento e o emprego”. A discussão da proposta, inspirada pelo programa do Presidente norte-americano Franklin Roosevelt para a recuperação no pós-Grande Depressão da década 1930, ficou agendada para a cimeira de líderes da UE de 27 e 28 de Junho.

Três indicadores resumiam a situação dentro da União: sete milhões e meio de jovens com menos de 25 anos não trabalham nem estão a estudar ou a frequentar formação; um em cada cinco não consegue encontrar emprego; 30,1% estão nessa situação há mais de 12 meses.

A Comissão Europeia já propusera que os Estados-membros criassem um sistema de Garantia para os Jovens com a ajuda da UE – um pacote de medidas para que quem deixa de estudar antes dos 25 tenha acesso a trabalho, formação ou treino em ambiente laboral. Na terça-feira, sugeriu que seis mil milhões de euros alocados à Iniciativa Emprego Jovem possam ser investidos nos próximos dois anos e não em sete, como previsto.

O *new deal*, que estará em debate nos próximos dias, inclui facilitar acesso aos tais seis mil milhões do próximo orçamento da União, criar um programa de intercâmbio de estagiários nos moldes em que funciona o Erasmus, mobilizar garantias e linhas de crédito do Banco Europeu de Investimentos.

“Há uma emergência e é necessário actuar já”, disse o Presidente francês, François Hollande. “A geração pós-crise vai pedir contas aos actuais governantes. Vá recordar-nos que tivemos a esperança de ter um trabalho e uma vida bem sucedida. Não podemos deixar esta geração sem nenhuma perspectiva.”

oram três meses aflitivos, os que Betty viveu. “A minha sorte foi ter seguido os conselhos da minha mãe.” Mal começara a trabalhar, fora ao banco abrir uma conta. Até se comovera. “Sentia-me uma mulher crescida.” Telefonara à mãe: “Ó mãe, abri uma conta poupança!” Era o primeiro dinheiro ganho pela rapariga alta, de rosto redondo. Todos os meses, poupava algum. “Foi o que me safou.” A Segurança Social tardou três meses a desembolsar subsídio. “Tens de ter onde ir buscar dinheiro. Como ganhei independência, sentia-me mal se tivesse de pedir alguma coisa aos meus pais.”

Não há no seu discurso – com um sotaque suavizado pelo tempo e pelas piadas do namorado, que também trata de neutralizar o seu – qualquer sinal de ressentimento com as gerações mais velhas. Há uma releitura do mercado de trabalho: “Sei que o meu contrato vai acabar [em Fevereiro de 2014] e acho que estou mais preparada porque agora sei que as pessoas são um bocado descartáveis.”

Há quem esteja a usar a “precariedade” que aflige os mais novos para fomentar uma “guerra de gerações”, sustenta o sociólogo José Soeiro, num texto que faz parte do livro *Não Acredite em Tudo o Que Pensa – Mitos do Senso Comum na Era da Austeridade*, editado em Abril pela Tinta-da-China. Tentam “mobilizar os mais novos para a luta em favor da ‘concorrência’, da ‘liberdade’ e do ‘mérito’, contra as ‘barreiras à entrada’ no mercado de trabalho, supostamen-



Diogo Alves 18 anos



Ana Teresa Aleixo de Oliveira 24 anos



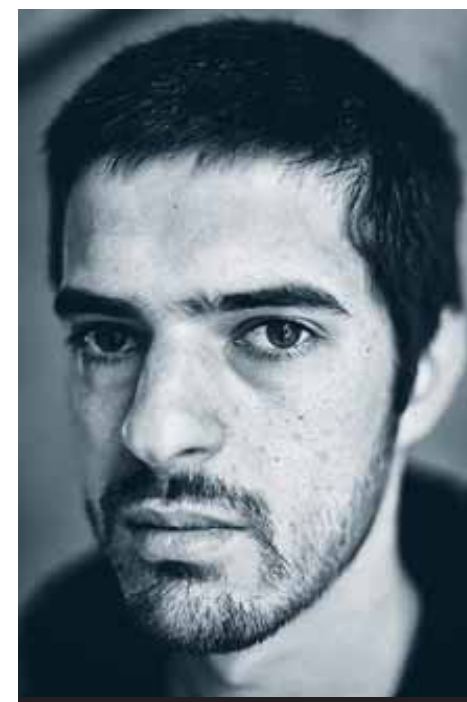
Diogo Filipe Jacinto Botelho 23 anos



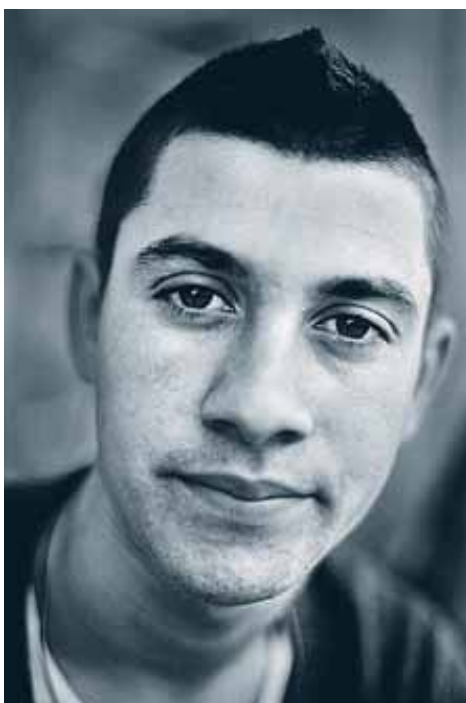
Rui Calado 20 anos



Filipa Brito 19 anos



Hélder Filipe Olinho Pereira 26 anos



Flávio Ricardo Silva Lameda 19 anos



Tânia Patrícia Imaginário Coelho 24 anos



Frederico Viveiros Pires 21 anos

te bloqueado pelo ‘imobilismo’ dos ‘direitos adquiridos’”. Num mundo assim pintado, de um lado, estariam “os jovens qualificados e dinâmicos e, do outro, os trabalhadores velhos, instalados e protegidos face à necessidade de mobilidade do mercado de trabalho”.

“Todas as mentiras têm uma verdade a partir da qual constroem a sua legitimação”, diz o investigador à Revista 2. “Existe um mercado de trabalho sem direitos e os jovens, sendo a maior parte dos que estão a entrar, são os mais vulneráveis e mais desprotegidos. Há um estudo do Banco de Portugal que indica que nove em cada dez novos postos de trabalhos criados são trabalho precário.”

Numa curta conversa, ocorre-lhe o sociólogo francês Serge Paugam, para quem, até quem tem um vínculo estável é precário, já que, por efeito da crise económica e da dinâmica da austeridade, o seu posto de trabalho está ameaçado pelo desaparecimento das empresas. A precariedade, diz José Soeiro, está a generalizar-se. A soma de quem vive com contratos a prazo, recibos verdes, trabalho temporário, subemprego ou desemprego resulta já numa maioria de “desempregados”.

O embate não é igual. “Em países como a Áustria, a Alemanha, a Holanda e a Dinamarca a flexibilização é negociada”, recorda Ilona Kovács. Nos países do Sul é imposta. Há cada vez mais flexibilização laboral, mas não há a mesma protecção social. Note-se, todavia, que já há perda de protecção na outra parte. “Há uma convergência no que se refere ao modelo de sociedade.”

Parte da precariedade faz-se de alternância de estatuto entre emprego precário e desemprego. Alguns usam a expressão “ioiô” para descrever estes trajectos cada vez menos lineares, cada vez mais labirínticos. Falam também em modos de vida em *stand-by*: perante a inexistência de segurança mínima, as pessoas não se arriscam a delinear projectos e a pô-los em prática.

Mafalda Fernandes não conhece essas expressões que aparecem em livros que nunca leu, mas sabe bem o que significam. Sempre quis ser mãe aos 25 anos. E, aos 25, está desempregada. E parece-lhe triste não embalar ainda um bebé, não por não querer, mas por não poder.

Estava desempregada a ver as contas para pagar – renda, carro, água, electricidade, gás, telemóveis, comida. Primeiro, aguentou-se. O marido, serralheiro, trabalhava. Reduziram custos. “Mudámos para uma casa mais barata. Passámos de um T2 para um T0.” Depois, ele perdeu o emprego. “Como tínhamos algum dinheiro, ficámos dois ou três meses a ver se um de nós arranjava alguma coisa. Como não arranjámos, fomos para casa dos meus pais.”

Não terminara o secundário, Mafalda. Trabalhava num *call center* de segunda a sexta-feira e num supermercado ao fim-de-semana. Saía para trabalhar como administrativa, como desejava. Ficaria três meses a recibos verdes e far-lhe-iam um contrato. Isenta de Segurança Social, por ser o seu primeiro ano de actividade, deixou passar uns meses até puxar o assunto. “Num dia em que não fui, porque tive de ir ao hospital, recebi uma mensagem a dizer que era o meu último dia de trabalho. Era 2 de Dezembro de 2011. A isenção estava a acabar.”

No centro de emprego propuseram-lhe apenas Forças Armadas. Mafalda não ficou no sofá, à espera de propostas. “Estar em casa dá-me cabo da cabeça. Uma pessoa acorda e não tem nenhum objectivo. Uma pessoa levanta-se e fica à espera da hora de ir para a cama outra vez.” Uma amiga falou-lhe nas formações do Sindicato dos Profissionais de Seguros de Portugal e ela tem estado a aproveitá-las.



Guilherme Sousa 19 anos



Isa Casimiro 22 anos



Filipe Miguel Santos Gonçalves 23 anos



João Semedo 25 anos



João Vilela 24 anos



Luís Rebelo 18 anos



Tiago Miguel dos Santos Arranja 22 anos



Mafalda Rosa 20 anos



Maldini Ribeiro 20 anos

Fez uma formação de 25 horas sobre legislação comercial. Fez uma formação de 25 horas sobre legislação laboral. Fez uma formação de 300 horas em secretariado. Está a fazer uma formação de 300 horas em contabilidade. “Se pudesse ia fazer o 12.º ano, mas não tenho condições financeiras.”

Enquanto faz formações, mata esta espécie de intervalo da vida, valoriza o currículo, recebe subsídio de alimentação e transporte. “Qualquer coisa ajuda.” A mãe, administrativa, vai nos 46 anos e está com subsídio de desemprego. O pai ganha à comissão. “É complicado.”

Não se atreve a conjugar o futuro. “Pelo que ouvi, os cortes vão continuar, vai tudo piorar. Ou tenho uma sorte louca ou então... Acho que já não é mau, se daqui a meio ano não estiver pior do que estou. E isso custa-me muito. Custa-me muito não ter expectativas para daqui a meio ano que seja... Estamos a pôr a hipótese de o meu marido emigrar. Como tem amigos espalhados pela Europa, vai ver se consegue arranjar alguma coisa lá fora, mas é preciso dinheiro para ir, para estar lá...”

“Que sociedade é esta? Os mais velhos já não servem e os mais novos não têm espaço?”, pergunta Pedro Araújo, investigador do Centro de Estudos Sociais – Laboratório Associado da Universidade de Coimbra. “Vamos voltar aos anos em que éramos todos emigrantes ou agricultores?”

Sofia Marques da Silva, docente da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto, desenterra um texto escrito por Erving Goffman há décadas para recuperar a expressão “arrefecimento de expectativas”. “Há processos e figuras que têm como função ir arrefecendo as expectativas das pessoas.” Parece-lhe que, neste momento, os políticos desempenham esse papel. “Há gente que está a ser educada para não ter expectativas. Isso é um perigo. As pessoas precisam de se agarrar a qualquer coisa que dê sentido à sua vida.”

O problema não é exclusivo dos sub-25. Há até quem, como Pedro Ramos, professor associado da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, considere “exagerado” o enfoque que se coloca no desemprego juvenil: “Este desemprego é calculado sobre uma população activa muito diminuta. A maior parte das pessoas nestas idades está a estudar. Muitas das que estão desempregadas são estreadas” – pessoas que estão à procura do seu primeiro emprego.

O desemprego bate recordes nos vários grupos etários. “A grande questão é que as pessoas estão desempregadas ou a ficar desempregadas e é praticamente impossível arranjar emprego neste momento”, diz o autor do livro *Torturem os números que eles confessam*, no início do ano lançado pela Almedina.

Criar um programa especial para uma faixa etária, para Pedro Ramos, é mesmo fomentar conflito de gerações. O desemprego entre os maiores de 45 já alcança os 14,9% e essas pessoas, sublinha, “podem não ter mais oportunidades de regressar ao mercado de trabalho”.

João Carlos Graça, do ISEG, também repudia estratégias que possam “virar desempregados contra desempregados”. Não gosta da ideia de usar dinheiros públicos para livrar empresas de encargos com salários. “O objectivo da política comunitária devia ser criar pleno emprego.”

O dano é diferente. A expectativa de encontrar um emprego, de fazer uma carreira é logo substituída pelo sentimento de injustiça e de rejeição social. E isso, têm advertido estruturas como a Organização Internacional do Trabalho, faz deles um grupo de alto risco de exclusão crónica.



Rita Costa 21 anos



Mafalda Fernandes 25 anos

Os anúncios de emprego pedem jovens, experientes, dinâmicos, disponíveis, observa Pedro Araújo. “Quem é o sujeito produtivo?”, pergunta. “É o jovem com experiência? O jovem não teve tempo para ter experiência. É o jovem dinâmico, que não fica preso a nada. É isso que se quer? Alguém sem pertencas, que possa ir viver para qualquer sítio, em qualquer altura?”

O investigador, também membro do Núcleo de Estudos sobre Políticas Sociais, Trabalho e Desigualdades, dá o exemplo de uma mulher na casa dos 50 anos, sem o 9.º ano sequer, mas com experiência que lhe permitia trabalhar como analista num laboratório de cerâmica. Com o declínio do sector, perdeu o emprego. Dir-lhe-ão agora que se mude para uma terra na qual a cerâmica resiste. “E o marido não existe? Os filhos não existem? As pessoas não têm projecto de vida? Não têm casa? Temos de ter sempre malas feitas, como acontece antes de uma criança nascer?”

Rita Costa estava pronta para partir e nem assim. “O que eu gostava mesmo de fazer era trabalhar num festival de música. Em 2012, tentei o Reading Festival, em Inglaterra. Era um estágio de um mês a um ano. Não consegui por não ter o nível C2 de inglês. Vou-me voluntariar agora para o festival Optimus Alive.” Dispõe-se a trabalhar três dias em troca do bilhete e da alimentação.

A rapariga, de sorriso permanente, está com 21 anos, quase 22. Estudou Ciências da Comunicação na Universidade Fernando Pessoa e por lá fez um estágio. Entregou a tese de licenciatura em Julho de 2012, gozou férias, e, em Outubro, começou a “procurar emprego a sério.”

Inscreeu-se no Centro de Emprego em Janeiro, a ver se tinha “mais oportunidades”, mas só foi chamada para uma reunião na qual lhe explicaram que direitos e deveres tal implica. Ao ver os anúncios de emprego, notou predominio comercial. “*Telemarketing, call center*, venda porta a porta, é o que há mais.”

Desejosa de encontrar uma porta para o *marketing* e relações públicas, percorre um calvário em que familiares e amigos vão pressionando, muitas vezes sem perceber (“Então, já arranjaste alguma coisa?”), e potenciais empregadores a surpreendem pelo que são capazes de propor.

Um dia, bateu a uma porta, convencida de que concorria a um trabalho na sua área. “Mande um currículo num dia e, passado uma hora, já estavam a ligar. A pessoa vai na expectativa de ter um emprego e chega lá e percebe que querem gente para vender cartões solidários de porta a porta.”

Passou à segunda fase. Teria de acompanhar uma promotora. Enquanto a outra tentava impingir cartões solidários, Rita tinha de a observar, de tirar notas, de tentar aprender estratégias. “Têm um discurso robótico. Era *marketing* muito agressivo. Não desgrudavam. Eu sentia-me muito incomodada.” Apesar de toda a desenvoltura, naquele dia não vendeu um único cartão.

“Era um ano para passar de promotora a gerente”, recorda. “Íamos ganhar uma comissão. A minha promotora estava lá há dois ou três meses e ainda não tinha recebido nada. Ficou ofendida comigo quando disse que não queria fazer aquilo. Disse que eu não precisava de dinheiro, que, se precisasse, aceitava.”

Há na Internet páginas dedicadas a denunciar situações dúbias, fraudulentas ou escandalosas, como a Ganhem Vergonha. Uma delas foi criada de propósito para falar naquela suposta empresa de *marketing* e publicidade.

Desesperada, Mafalda aceitou a proposta mais indigna que recebeu: uma imobiliária



Mário Ventura 21 anos



Ana Luísa Gonçalves 18 anos



Nuno Miguel da Silva 22 anos



Nuno Mário Mendes de Oliveira 20 anos



Matilde 25 anos



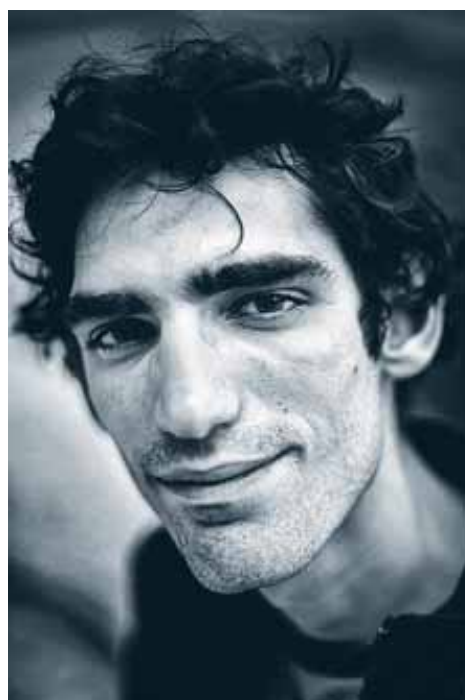
Pedro Silva 25 anos



Paulo Jorge Oliveira Lopes 20 anos



Sílvia Norberto 24 anos



Michael Silva 24 anos

que lhe ofereceu 400 euros para trabalhar, a recibos verdes, seis dias por semana. “Já tinha de pagar eu a Segurança Social. São 189 euros por mês. Ia ficar com cerca de 200 euros.”

Findo o primeiro dia de trabalho, pôs-se a pensar: “Isto não é normal. Nem devia estar a recibos verdes. Tenho um horário para cumprir. Nem posso sair para lanche” – quando tirou o lanche que levava disseram-lhe logo que, se quisesse comer, teria de ir à casa de banho. Conversou com o marido. “Estás é tola! Por 200 euros? Já não devias ter ido.”

Expôs a sua maior dúvida a quem a contratara: “Por que não me faz um contrato?” “Compreendo que queira ter filhos, licença de parto, ficar doente e ter baixa, mas não lhe vou fazer contrato”, ouviu. Entregou-lhe as chaves da loja e saiu. “De certeza que, a seguir, alguém foi lá e aceitou.”

O marido também leva para casa histórias que a deixam “chocada”. “É um trabalho perigoso e normalmente não querem fazer contrato. Se cortar um dedo ou uma mão e não tiver seguro, como é? As pessoas dizem: ‘Venha cá um mês, depois pagamos.’ Sem contrato, corre o risco de não receber. Já lhe aconteceu muitas vezes ir três dias à experiência e no final de três dias, como já acabou o trabalho, já não querem mais.”

Não lhe falta iniciativa. Com colegas do curso de secretariado do Sindicato dos Profissionais de Seguros de Portugal, no mês passado, Mafalda concebeu uma feira de emprego ao contrário no Estádio do Bessa.

O debate público tem apontado muito para o empreendedorismo, mas, adverte Sofia Marques da Silva, docente da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto, “nem todos podem ser empreendedores: há diferenças de género, de escolaridade, de classe...”. O discurso do empreendedorismo, diz o sociólogo José Soeiro, “tenta resolver um problema colectivo através de uma suposta responsabilização individual”. O surgimento de movimentos em torno da precariedade é uma prova de que “as pessoas percebem que há aqui uma dimensão colectiva”, relacionada com a estrutura produtiva, com a economia, com o modelo de desenvolvimento, diz.

José Soeiro andou a fazer um estudo, que ainda não está publicado, sobre o que é dito nos cursos de empreendedorismo. O sociólogo e um colega assistiram a várias sessões e depararam-se com chavões, que ganham estatuto de verdade à força de serem repetidos, como: “Já não há emprego, mas há trabalho.”

“A escravatura é uma forma de trabalho, mas não queremos regressar a sociedades que se baseiam em trabalho escravo”, sublinha. “O emprego continua a ser o elemento central da inserção na sociedade. Se banalizamos esta ideia de que o importante é ter trabalho, isso é um recuo civilizacional ao tempo em que o trabalho não era emprego, no sentido em que não se concebia como uma plataforma de acesso a direitos sociais, como o rendimento, a protecção social, as férias.”

Para escapar, há quem opte por continuar os estudos. Rita planeia fazê-lo. Por estes dias, anda a tratar disso. “Quero fazer uma pós-graduação de comunicação empresarial na Porto Business School. O meu estágio não foi em contacto com clientes reais. As pessoas não me aceitam por não ter experiência.” Também voltou a estudar Inglês. E quer fazer uma formação em programas de *software* como Adobe, Photoshop.

Nem todos podem seguir essa via. Até porque, no actual cenário, lembra Pedro Araújo, as bolsas de estudo também são mais difíceis de obter. “Se o mercado não responde e o Estado também não, quem sobra? A família. As famílias não podem todas dar o mesmo tipo de apoio.”